



***GÊNERO E EDUCAÇÃO: UMA REVISÃO SISTEMATIZADA DA
LITERATURA ENTRE 2000 E 2018***

***GÉNERO Y EDUCACIÓN: UNA REVISIÓN SISTEMÁTICA DE LA
LITERATURA DE 2000 A 2018***

***GENDER AND EDUCATION: A SISTEMATIC LITERATURE REVIEW
FROM 2000 TO 2018***

Ester Carolina Martins da Silva¹

Mariana Esteves Costa²

Luiz Paulo Ribeiro³

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo verificar as produções acadêmicas (artigos) sobre a correlação Gênero e Educação entre os anos de 2000 e 2018. O percurso metodológico da pesquisa de análise sistemática de literatura empreendeu uma busca nas bases de dados da SciELO, PePSIC e Plataforma Capes. Os dados foram tratados através da leitura dos resumos dos artigos e a análise envolveu a estatística descritiva. Os resultados apontam mudanças no perfil das publicações no período estudado. Entre os principais achados da pesquisa está a incorporação de estudos voltados a crianças e adolescentes e a baixa presença de artigos que discutem gênero nos materiais didáticos. **PALAVRAS-CHAVE:** Gênero. Educação. Revisão Sistemática. Meta-síntese.

RESUMEN

Este artículo verificó las producciones académicas (artículos) sobre la correlación entre Género y Educación entre los años 2000 y 2018. El camino metodológico de la investigación de análisis sistemático de la literatura emprendió una búsqueda de

¹ Graduanda em Pedagogia (FAE - UFMG). Bolsista de Iniciação Científica.

² Pedagoga, mestre em Educação pela UFMG. Coordenadora Pedagógica da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais.

³ Doutor em Educação, docente do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social (Faculdade de Educação - UFMG) e do Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência (Faculdade de Medicina - UFMG).

materiales en portugués en las bases de datos de la plataforma SciELO, PePSIC y Capes. Los datos fueron tratados mediante la lectura de los resúmenes de los artículos y el análisis involucró estadística descriptiva. Los resultados indican un cambio en las publicaciones en el período estudiado. Entre los principales hallazgos de la investigación está la incorporación de estudios dirigidos a niños y adolescentes y la baja presencia de artículos que discutan género en los materiales didácticos.

PALABRAS-CLAVE: Gênero. Educação. Revisão Sistemática. Meta-síntese.

ABSTRACT

This paper verified the academic productions (articles) on the correlation between Gender and Education between the years 2000 and 2018. The methodological path of systematic literature analysis research undertook a search for materials in Portuguese in the databases of SciELO, PePSIC and Capes platform. The data were treated by reading the abstracts of the articles and the analysis involved descriptive statistics. The results indicate a change in publications in the period studied. Among the main findings of the research is the incorporation of studies aimed at children and adolescents and the low presence of articles that discuss gender in the teaching materials.

KEYWORDS: Diversity. Education. Genre. School. Sexuality.

Introdução

No Brasil a temática de gênero vem sendo discutida em diferentes áreas, inclusive na da educação, ressaltando a importância de nos ocuparmos com essas questões em prol de uma educação democrática e na construção de uma sociedade sem preconceitos. Consideramos que a história das práticas educativas é permeada de aspectos sobre gênero. Isso por que em um resgate rápido é possível verificar como a escola foi uma das possibilitadoras da entrada das mulheres no mercado de trabalho, ao mesmo tempo em que houve um processo contrário com os homens (RESENDE; RIBEIRO; SILVA, 2009). Os processos de feminilização e feminização do trabalho docente foram engendrados em face do cuidado materno-familiar das professoras, principalmente da Educação Básica e Educação Infantil, quase uma extensão da casa. Ao mesmo tempo, a escola foi um dos primeiros lugares externos ao lar em que o trabalho das mulheres foi reconhecido. Entretanto, a extensão do lar trazia consigo uma familiarização das relações, de uma reprodução dos papéis das mulheres e uma docilização dos corpos – de alunos, alunas e professoras – pela educação.

Não se pode deixar de lado que gênero é uma expressão que ao longo dos anos vem sendo utilizada como um guarda-chuva, ou seja, uma palavra que aglutina

diferentes aspectos que se desdobram, por vezes, em orientação sexual, performance, prática sexual e identidade, que embora estejam conectadas e participem deste métier, possuem significados específicos. Bento e Pelúcio (2012) dizem que o conceito de gênero é um campo de disputas teóricas, embates conceituais e políticos. Diante disso, como aponta Louro (2014, p. 25):

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou pensa sobre elas vai construir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos.

Assim, neste estudo, entende-se gênero como culturalmente construído a partir dos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres. (LOURO, 2014) Ou seja, ao adentrar no âmbito das relações há sujeitos em contato com sujeitos, sem deixar de lado as marcas institucionais e interindividuais que trazem em si delimitações das identidades e das práticas. Dessa forma, falar de gênero diz de como o sujeito se posiciona frente seu corpo e a sua sociedade com marcas históricas, contextuais e políticas.

Louro (2014) ainda pontua que a crescente exposição da mídia sobre a temática e seus sujeitos interfere diretamente nas representações sociais. Ou seja, se algo está em ascensão teórica e social isso impacta nas formas de pensar, sentir e agir dos sujeitos, sendo importante acompanhar estes processos e quais caminhos tem tomado. Por assim serem, acredita-se que se alguma temática está em pauta socialmente, também está em ascensão nas produções acadêmicas.

Dois outros estudos (ROSEMBERG, 2001; VIANNA, CARVALHO, SCHILLING; MOREIRA, 2011) na mesma perspectiva que este, servem de inspiração e delimitação. A pesquisa de Rosemberg (2001) discutiu a produção acadêmica brasileira a partir de teses, dissertações e artigos no período de 1981 a 1998, correlacionando Gênero, Educação e Mulheres. Já Vianna et al. (2011) desenvolveram uma análise preliminar sobre as produções brasileiras correlacionando Gênero, Sexualidade e Educação formal entre os anos de 1990 e 2006. Os dois estudos são complementares e indicam um aumento progressivo de relatos de pesquisa na

correlação estudada, além de apontar que há um perfil interdisciplinar das produções sendo possível identificar diferentes áreas dos estudos.

Sobre o aumento progressivo de produções sobre Educação e Gênero, tanto Rosenberg (2001) quanto Vianna et al. (2011) apontam que no Brasil, o crescimento das produções sobre gênero e sexualidade e educação vem sendo notadas desde os anos de 1970, tomando mais visibilidade depois da promulgação da Constituição Federal de 1988 que, por ser tida como um avanço nos direitos sociais, ampliou o debate nacional sobre este tema. A agenda de gênero e educação, também, encontrou subsídio durante o governo de Fernando Henrique Cardoso (presidente do Brasil entre os anos de 1995 a 2003) que assumiu compromissos para eliminar a violência e a discriminação contra a mulher. Isso por que o Brasil, junto com outros 155 países haviam assinado a Declaração de Jontiem na Conferência Mundial de Educação para Todos, em 1990. E tal declaração foi ratificada na Cúpula Mundial de Educação para Todos, em Dakar em 2000. Nessas há a proposta de universalizar o acesso à educação e promover a equidade, sendo possível ler nos documentos:

A prioridade mais urgente é melhorar a qualidade e garantir o acesso à educação para meninas e mulheres, e superar todos os obstáculos que impedem sua participação ativa no processo educativo. Os preconceitos e estereótipos de qualquer natureza devem ser eliminados da educação. (DECLARAÇÃO DE JONTIEM, 1990).

e) eliminar disparidades de gênero na educação primária e secundária até 2005 e alcançar a igualdade de gênero na educação até 2015, com enfoque na garantia ao acesso e o desempenho pleno e equitativo de meninas na educação básica de boa qualidade. (DECLARAÇÃO DE DAKAR, 2000).

É por observância a essas questões que é traçado este artigo, com o objetivo verificar, através de uma meta-síntese de uma revisão sistemática de literatura, as produções acadêmicas que correlacionam gênero e educação entre os anos de 2000 e 2018, dando sequência e suplantando os estudos já elencados. Parte-se do pressuposto que há um aumento progressivo desde os anos 2000 das produções na área devido a ascensão social desta. Mesmo com esta hipótese há questões adjacentes a este aumento: Quais os principais temas abordados? Há supremacia de assuntos? Há concentração em determinados periódicos? E tantas outras perguntas que podem ser respondidas através de uma criteriosa revisão de literatura. Assim como em Vianna et al. (2011, p. 530)

“parece-nos central retomar a importância de estudar a presença das relações de gênero nas instituições educacionais”.

Métodos

Segundo a Cochrane Collaboration (2003), instituição não-governamental responsável pela produção, publicação e estruturação de revisões sistemáticas na área da saúde ao redor do mundo, uma revisão constitui-se através de uma questão claramente formulada que usa métodos sistemáticos e explícitos para identificar, selecionar e avaliar criticamente pesquisas relevantes e para coletar e analisar dados dos estudos incluídos na revisão. Uma das principais razões que justificam sua condução é o desejo de sintetizar um grande corpo de evidências sobre determinado tema, buscando chegar a conclusões e implicações robustas. Geralmente são associadas com meta-análises, no entanto, revisões de estudos qualitativos também podem ser conduzidas e relatadas em apresentações rigorosas usando os mesmos critérios de replicabilidade, transparência e metodologia (SIDDAWAY; WOOD; HEDGES, 2019). Dentre os tipos de sínteses possíveis desse delineamento de pesquisa, Siddaway, Wood e Hedges (2019) apontam a meta-síntese, também conhecida por meta-etnografia ou meta-análise qualitativa, que tem por objetivo sintetizar estudos qualitativos sobre um tópico a fim de localizar os principais temas, conceitos ou teorias que forneçam novas ou explicações mais poderosas para o fenômeno em análise. No caso do presente estudo as produções sobre Gênero e Educação.

Dessa forma, hipotetizando uma crescente discussão sobre o assunto no período selecionado, investigou-se, por meio de uma revisão sistemática com meta-síntese, se as questões sobre gênero, nas possíveis intersecções com o contexto educacional formal, também se refletem na produção de artigos dando sequência em estudos de meta-síntese realizados anteriormente (ROSEMBERG, 2001; VIANNA et al., 2011). Para conduzir tal processo estabeleceu-se como critério que a investigação contemplasse apenas artigos em texto completo publicados entre os anos de 2000 a 2018 em periódicos revisados por pares e disponíveis online em que pelo menos o resumo estivesse em português. Tal escolha se deu a partir da necessidade de verificar a influência desses estudos no Brasil, ou ainda, compreendendo o Brasil como um país lusofalante, verificar a expansão dos estudos na correlação estudada disponíveis em português.

A escolha por artigos tem três razões. a) versatilidade deste tipo de escrita que pode estar composta por ensaios (textos mais teóricos) ou relatos de pesquisa (mais empíricos); b) por serem textos que nas bases de dados escolhidas estão disponíveis de forma completa e terem parâmetros estruturais parecidos, sendo possível encontrar em todos eles título, resumo e palavras-chave, além do texto central do próprio artigo e, c) por serem textos pequenos, se comparados com teses e dissertações, que circulam mais e tem maior possibilidade de aderência /citação em outros textos.

Processo de coleta dos dados

A busca pelos artigos foi realizada em maio de 2020 nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC) e Portal de Periódicos CAPES. Essas bases de dados foram selecionadas por já terem sido contempladas nas revisões sistemáticas realizadas por Rosemberg (2001) e Vianna et al. (2011). Em especial a SciELO foi escolhida por ser uma base popular no Brasil, por ser de acesso gratuito; a PePSIC, por estar focada na área de psicologia, um dos grandes campos já sinalizados como de grande relevância no tema gênero e educação; e a CAPES, como uma rede que abrange diferentes bases de dados, pelo alcance de resultados nacionais e internacionais.

Quanto à estratégia de busca, foram utilizados para localizar os artigos o descritor *gênero* combinado através do operador booleano *AND* com o termo *educação*. Para serem incluídos na amostra, esses descritores deveriam constar, em língua portuguesa, no título, resumo ou nas palavras-chave dos artigos. Na plataforma SciELO, por exemplo, o processo foi feito da seguinte maneira: selecionou-se a busca avançada, em seguida foram adicionados os filtros de tempo (2000 a 2018), como tipo de literatura apenas artigos e, por fim, Gênero *AND* Educação na barra de pesquisa, com todos os índices que a plataforma possibilita especificar incluídos. Nessa base de dados, chegou-se a um número de 1098 estudos inicialmente, no entanto, é necessário pontuar que existem limitações em todas as plataformas utilizadas na pesquisa, uma vez que foi possível notar pequenas alterações no número de publicações ao longo dos meses em que a revisão foi conduzida.

Diante disso, para manter o presente trabalho atualizado o processo de busca foi revisado em todas as bases eletrônicas no início do mês de agosto, de maneira que puderam ser localizados um total de 171 novos artigos. Esses, foram incorporados à

amostra principal para serem analisados em seguida. O assistente de pesquisa Zotero⁴ foi utilizado para a coleta e armazenamento das publicações extraídas das bases eletrônicas. E, para a análise e seleção dos artigos, o aplicativo Rayyan QCRI⁵. O número de artigos rastreados por base de dados pode ser observado no quadro 1

QUADRO 1: Artigos rastreados nas bases de dados Scielo, PePSIC e Plataforma Capes (descritores Gênero AND educação)

Base de dados			Total de artigos
SciELO	PePSIC	CAPEL	
1156	265	740	2161

Fonte: dados da pesquisa (2020)

Nota: aplicativo Rayyan

Nesta primeira etapa da busca nota-se que o repositório SciELO é o que mais continha artigos na correlação estudada (1156 artigos), seguido da Plataforma Capes (740 artigos) e do repositório PePSIC (265 artigos), totalizando juntas 2161.

Seleção dos estudos

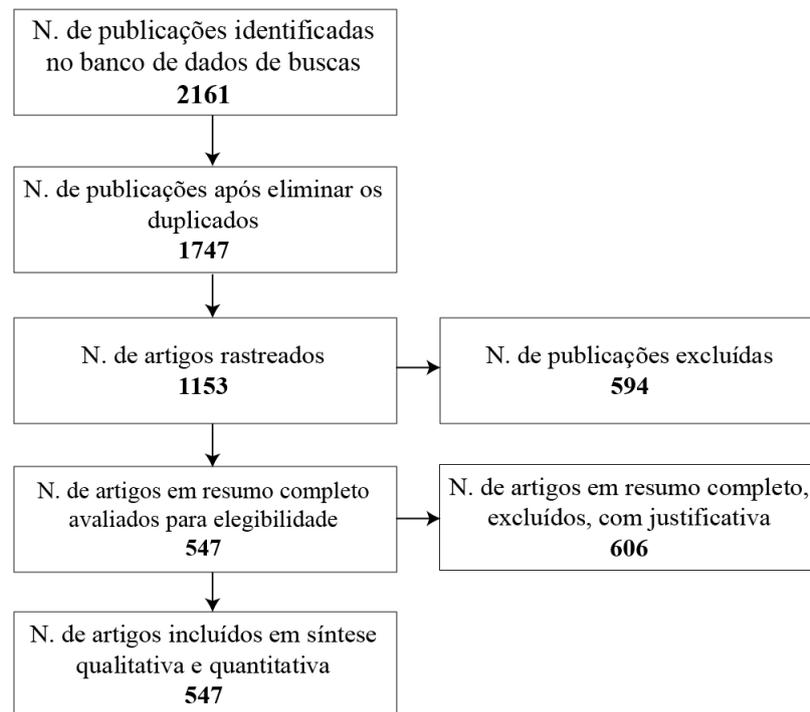
Dentre os 2161 artigos, encontramos um total de 414 duplicações que foram identificadas com o auxílio do aplicativo Rayyan QCRI. Dentro do mesmo programa também fizemos a exclusão de 594 publicações que não atendiam aos critérios especificados anteriormente, ou seja, que estavam fora do período selecionado, não eram artigos (tipo de publicação), não continham os descritores em português, e aqueles que apresentavam a palavra gênero com significados distantes da temática aqui trabalhada, como: gênero textual, gênero discursivo, gênero musical etc.

Dessa forma, após as exclusões realizadas com a primeira filtragem, rastreamos um total de 1153 artigos que tiveram seus resumos lidos e avaliados por três revisores. Seguindo o caminho metodológico trilhado por Vianna et al. (2011), buscamos selecionar apenas aqueles que contemplassem práticas ou sujeitos da educação formal (alunos, professores, gestores, diretores etc.) que fizessem referência às instituições educativas e que discutissem, em alguma medida, gênero e suas implicações. O que

⁴ Zotero é um projeto da *Corporation for Digital Scholarship*, uma organização sem fins lucrativos dedicada ao desenvolvimento de softwares e serviços para pesquisadores e instituições de patrimônio cultural.

⁵ OUZZANI, Mourad; HAMMADY, Hossam; FEDOROWICZ, Zbys; ELMAGARMID, Ahmed. Rayyan — a web and mobile app for systematic reviews. *Systematic Reviews*, v. 5, p. 210, 2016. DOI: 10.1186/s13643-016-0384-4.

levou a 547 artigos pertinentes para a análise ($n = 547$). O processo de seleção e exclusão da amostra de publicações pode ser acompanhado pela figura 1:

FIGURA 1: Fluxograma de seleção de materiais para a meta-síntese com base nos critérios de exclusão e inclusão da pesquisa

Fonte: dados da pesquisa (2020),
Nota: adaptado do PRISMA *FlowDiagram* (2009)

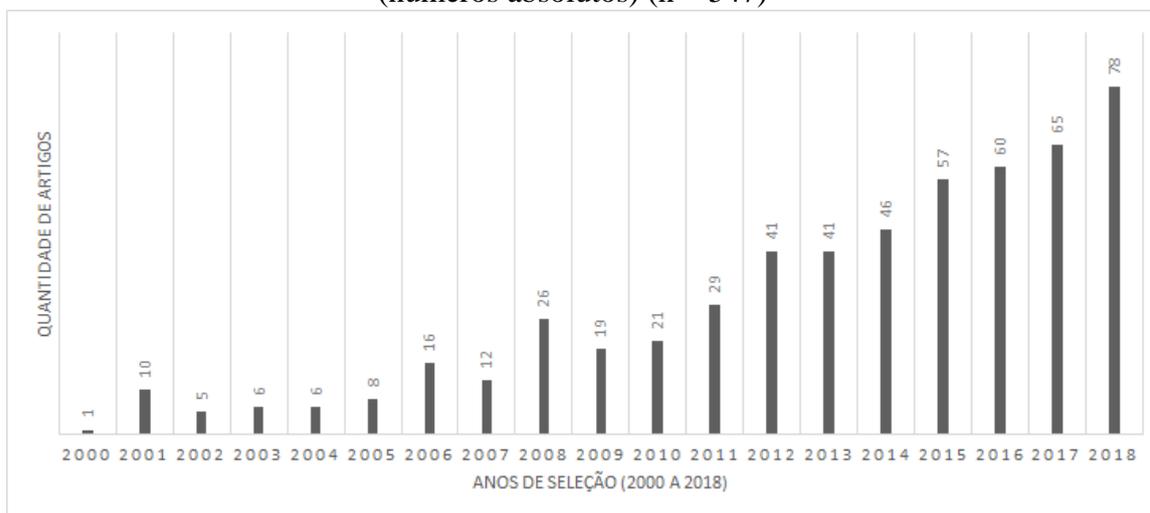
A partir dessa seleção foram empreendidas as análises que são apresentadas a seguir, buscando sintetizar e relacionar o corpo de evidências por temas-chave. Nessa síntese apresentamos os dados sobre a) dispersão de produções no período; b) os periódicos responsáveis pelas publicações (os principais); c) principais aplicações das terminologias de gênero e educação; d) como a educação, em seus diferentes níveis e espaços específicos, aparece nas produções; e) principais áreas do conhecimento que produzem sobre tal temática; f) artigos específicos sobre minorias sociais na correlação Educação e Gênero e g) principais temáticas trabalhadas nas publicações.

Resultados e Análise

Os primeiros dados a serem analisados dizem respeito ao número de artigos produzidos ano a ano dentro do período analisado (2000 a 2018). A partir do gráfico 1 nota-se que há uma tendência do aumento de publicações, algo assim já havia sido

evidenciado pelo estudo de Vianna et al. (2011) em análises complementares desde os anos de 1990.

GRÁFICO 1: Número de publicações de artigos da correlação Gênero AND Educação entre os anos de 2000 e 2018, nas plataformas SciELO, PePSIC e Plataforma Capes (números absolutos) (n = 547)



Fonte: dados da pesquisa (2020)

Nota: aplicativo Rayyan

Das análises possíveis para este aumento progressivo podem ser citados: o reflexo dos acordos de Jontiem e Dakar sobre equidade de gênero na educação, a inclusão da orientação sexual nos Parâmetro Curriculares Nacionais como tema transversal, a popularização das teorias de gênero, o aumento de pesquisadores na área. Ressalta-se também a possível influência das discussões sobre o Plano Nacional de Educação de 2014, sancionado no governo de Dilma Rousseff, e as questões de identidade de gênero e orientação sexual que foram fortemente rechaçadas pela Câmara dos Deputados na época. Há indícios que tais discussões podem ter fomentado tanto a produção científica, no que diz respeito a Ideologia de Gênero, quanto às práticas docentes no ensino da Educação Sexual dentro das escolas.

Continuando a análise, na perspectiva de periódicos que mais publicaram artigos na correlação estudada, o quadro 2 apresenta uma ordem dos principais periódicos, o número de artigos publicados em cada um deles (número absoluto) e a quantidade relativa (%).

QUADRO 2: *Ranking* de periódicos que mais publicaram artigos sobre gênero e educação entre 2000 e 2018, ordem decrescente, números absolutos

Periódicos	Quantidade de artigos	%	Ranking
Revista Estudos Feministas	27	4,94%	1º Lugar
Educar em Revista	23	4,20%	2º Lugar
Educação & Sociedade	22	4,02%	3º Lugar
Educação e Pesquisa	21	3,84%	4º Lugar
Revista Brasileira de Educação	20	3,66%	5º Lugar
Cadernos de Pesquisa	17	3,11%	6º Lugar
Cadernos Pagu	12	2,19%	7º lugar
Educação em Revista	12	2,19%	
Revista Historia de la Educación Latinoamericana	9	1,65%	8º lugar
Revista Iberoamericana de Educación	9	1,65%	
Revista Brasileira de Educação Médica	7	1,28%	9º Lugar
Psicologia Escolar e Educacional	7	1,28%	
Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação	7	1,28%	
Ex aequo	7	1,28%	
Educação: Teoria e prática	7	1,28%	
Pro-posições	7	1,28%	
Revista Histedbr On-line	7	1,28%	
INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar	6	1,10%	10º Lugar
Revista Educação e Emancipação	6	1,10%	
TOTAL	233 artigos	42,6% do total de artigos (n= 547)	

Fonte: dados da pesquisa (2020)

Nota: aplicativo Rayyan

Verifica-se que estas 19 revistas foram responsáveis pela publicação de 42,6% de todos os artigos da correlação Gênero e Educação, ou seja, quase a metade de tudo que foi publicado entre os anos 2000 e 2018 circularam a partir desses periódicos. Sendo que os outros 314 artigos estão pulverizados em 60 periódicos diferentes. Nota-se que como em Vianna, Carvalho, Schilling e Moreira (2011) os periódicos *Revista Estudos Feministas* e *Cadernos Pagu* ainda ocupam lugares de expressividade nas produções sobre gênero e educação.

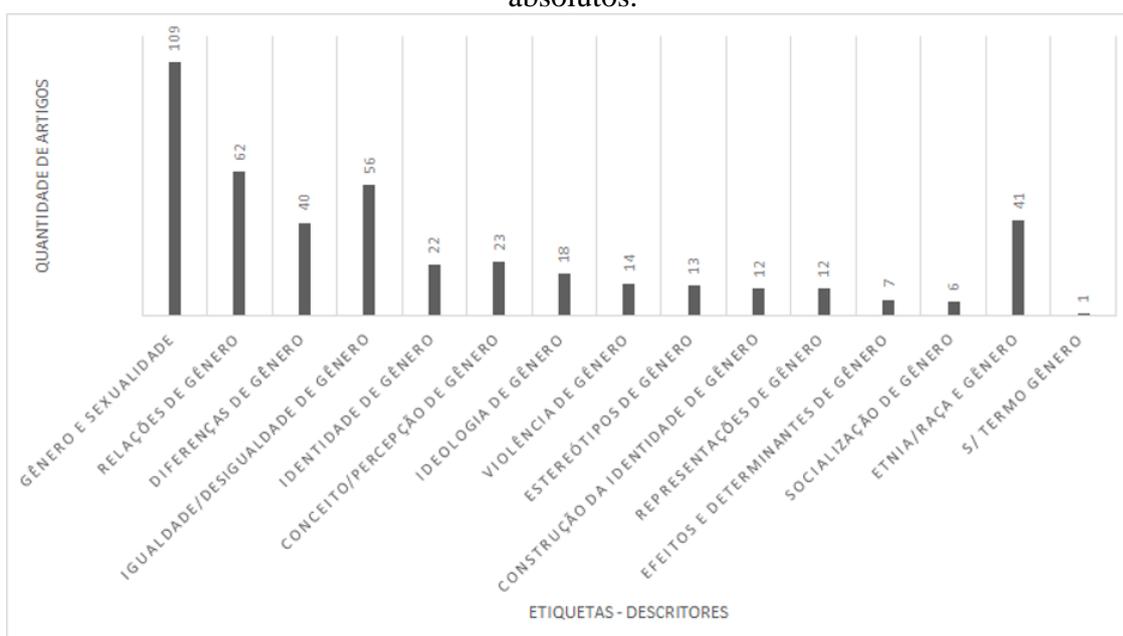
Entretanto, entre os anos de 2000 e 2018 outros periódicos, como é o caso de revistas da área da educação (*Educar em Revista*, *Educação & Sociedade*, *Educação e Pesquisa*, *Revista Brasileira de Educação* e *Educação em Revista*), têm despontado como veículos importantes da temática pesquisada. Pode-se entender que tais revistas,

de renome nacional, estão vinculadas a programas de pós-graduação em que a temática gênero também tem crescido, necessitando assim, como em Andrade, Macedo e Oliveira (2014) de pesquisas futuras para entender e conhecer a expansão dos diretórios de pesquisa sobre gênero e educação nos últimos 20 anos.

Outro dado que pode chamar a atenção é a presença de periódicos não brasileiros no *ranking* daqueles que mais produzem artigos na área. É o caso da *Revista História de la Educación Latinoamericana* da *Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia* e da *Revista Iberoamericana de Educación* vinculada à *Organización de Estados Iberoamericanos* (OEI). Ambas as revistas aceitam e publicam artigos em português muito embora sejam sediadas em países hispanofalantes o que pode justificar o aparecimento na busca feita.

Para além dos dados de origem, também houve foco nas temáticas trabalhadas pelos artigos. Após a leitura dos títulos, palavras-chave e resumos foram identificadas ‘etiquetas’ (marcações) em cada um dos artigos indicando temas que aparecem nos mesmos. O Gráfico 2 apresenta as principais aplicações do termo gênero e o Gráfico 3 apresenta as principais aplicações do termo educação. Cabe ressaltar que todos os artigos analisados receberam as etiquetas ‘gênero’ e ‘educação’ no processo seleção dos materiais e foram entendidas como necessárias para a inclusão na pesquisa. Assim, aqui são consideradas aquelas etiquetas que iam para além das etiquetas gerais.

GRÁFICO 2: principais aplicações da terminologia gênero (etiquetas) a partir da leitura de títulos, resumos e palavras-chave no aplicativo Rayyan (n=547), números absolutos.



Fonte: dados da pesquisa (2020) derivado das análises no aplicativo Rayyan

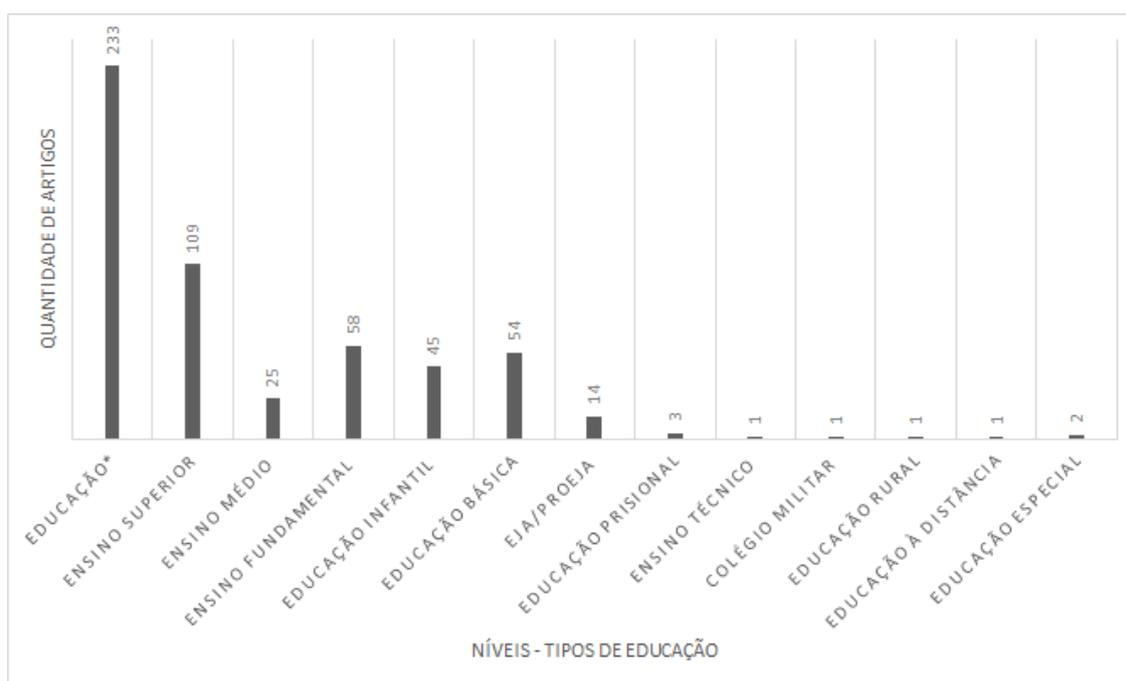
Entre os artigos analisados, o termo gênero aparece, de forma geral, ligado a recortes de pesquisa que trabalham com mulheres e/ou meninas (SILVA; RIBEIRO, 2014; BELTRAN, 2016), apresentando trajetórias, dificuldades de acesso à educação (BELTRÃO; ALVES, 2009) e a influência das representações sociais de gênero na construção de suas identidades (BUENO, 2006; SILVA; BERTUOL, 2015). Mas também é mencionado, em grande quantidade, vinculado à sexualidade (109 artigos), em estudos que investigam a presença da temática dentro dos currículos escolares e os desdobramentos das práticas de ensino adotadas por educadores (SEFFNER, 2011; LIMA; SIQUEIRA, 2013; GUIZZO; RIPOLL, 2015).

As relações de gênero, no mesmo sentido, prevalecem sobre outros recortes (62 artigos). Demonstrando, em diferentes níveis, como gênero, enquanto categoria relacional dos sexos, fundamentada em diferenciações biológicas, determina papéis sociais e influencia os processos de escolarização de homens e mulheres (CARVALHO, 2001; UCHOGA; ALTMANN, 2016).

A questão da igualdade/desigualdade de gênero é outro ponto que merece destaque (56 artigos), percebe-se uma preocupação dentro das políticas públicas e educacionais com o acesso de mulheres ao ensino formal (BARROSO, 2004; FUENTES, 2016), bem como sua presença no mercado de trabalho (BARROS; MOURÃO, 2018). No entanto, mais do que inserir a figura feminina nesses espaços, nota-se também que a educação tem buscado promover os ideais de igualdade desde a infância (FINCO, 2015), sensibilizando professores através de projetos formativos que incentivem práticas que considerem as disparidades sociais que perpassam os alunos, de forma que essas possam ser minimizadas (MARCHÃO; HENRIQUES, 2017).

As questões étnico-raciais têm ocupado espaço nas discussões sobre gênero a partir dos estudos interseccionais que vem ganhando força desde 2001 quando o termo interseccional foi utilizado em uma palestra na cidade de Durban, África do Sul, para discutir as diferentes desigualdades que perpassam os negros e negras. A crescente discussão sobre o feminismo negro coloca a pauta racial dentro das questões de gênero trazendo novas discussões sobre a mulher negra no Brasil na última década (AKOTIRENE, 2018). Foram identificados artigos e ensaios que trabalham com a interseccionalidade entre raça e gênero na educação com referencial teórico ancorado no feminismo decolonial e interseccional de raça (LOPES, 2018).

GRÁFICO 3: Educação em seus diferentes níveis e espaços específicos na produção



Fonte: dados da pesquisa (2020), derivado das análises no aplicativo Rayyan.

A análise também permitiu indicar que a Educação, como um termo abrangente, que não se delimita em ciclos compreendendo todo o processo educativo, se sobressai sobre as modalidades específicas do sistema educacional. Entre os artigos encontrados, é possível notar uma prevalência de discussões relacionadas a políticas públicas e educacionais (37), bem como aquelas que tratam de um projeto de educação orientado por um currículo comum e a presença das questões de gênero dentro dele (STROMQUIST, 2007; VIANNA, 2012; LIMA; SIQUEIRA, 2013). Os planos educacionais, as metas de desenvolvimento, assim como a promoção e expansão do acesso à educação são os pontos mais trabalhados dentro dessas publicações (BARROSO, 2004), sendo acompanhados das questões em torno da ideologia de gênero que se apresenta como pauta a partir de 2014, com as discussões crescentes sobre o PNE (VENCATO; SILVA; ALVARENGA, 2018).

Tratando-se dos artigos em que o Ensino Superior é o foco, nota-se uma centralização na formação de professores e professoras, na representação feminina na produção científica, na presença e participação de mulheres na academia e, também, na temática de gênero dentro dos cursos e como ela é e pode ser discutida (GUEDES, 2008; LEITE; OLIVEIRA, 2014).

Já sobre a Educação Básica, como um todo, os professores e professoras (106 ocorrências) aparecem como os agentes principais na manutenção, mas também na transformação das dinâmicas de gênero que se desdobram no ambiente escolar (MARCHÃO; HENRIQUES, 2017). Da mesma maneira, os alunos também assumem um papel de protagonismo na maior parte dos estudos. Diferentemente dos resultados apresentados nas pesquisas de Rosemberg (2001) em que o adulto e o ensino superior apareciam como foco, percebe-se uma preocupação com as crianças e os adolescentes e suas formas de compreender as relações de gênero, principalmente no que diz respeito à suas identidades e sexualidades (SILVA; BERTUOL, 2015; ZANATTA, 2016).

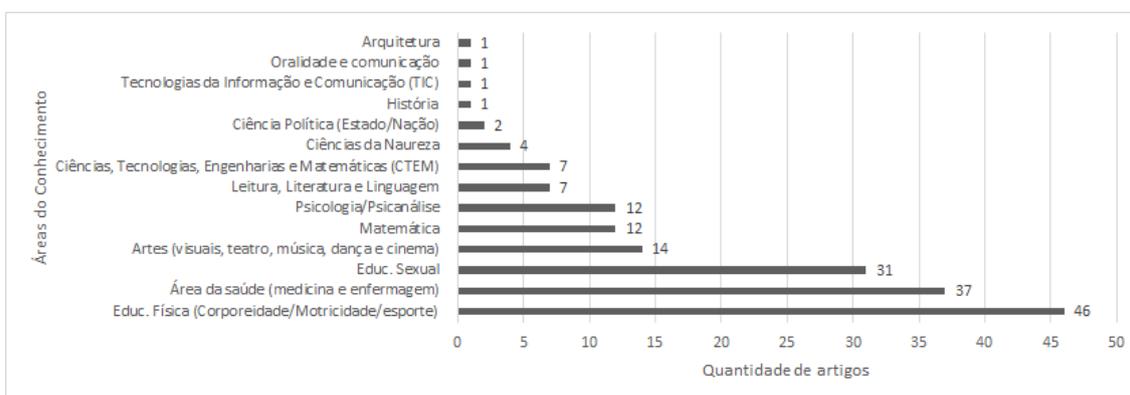
Faz-se necessário pontuar, no entanto, que os estudos que abordam uma modalidade específica de ensino, são poucos, sendo discutido apenas os temas centralizados naquilo que as torna uma modalidade especial, o que pode indicar uma ausência de discussão sobre esses espaços ou até mesmo uma despolitização dos mesmos, como um possível reflexo do desinteresse político acerca das modalidades de ensino da educação básica (EJA, Educação especial, Educação indígena, Educação quilombola). O que, por sua vez, reflete na invisibilização dos sujeitos que a compõem. Se esses sujeitos enfrentam dificuldades em serem vistos como estudantes, provavelmente isso também perpassa as discussões sobre gênero. Por outro lado, quem aparece de forma tímida, mas promissora nas publicações, é a Educação de Jovens e Adultos, em artigos que colocam em pauta, principalmente, mulheres, suas trajetórias educacionais e os desafios que elas enfrentam em uma sociedade em que gênero se constitui como fator determinante na sociedade (NARVAZ; SANT'ANNA; TESSELER, 2013; BASTOS; EITERER, 2017).

Das produções analisadas no período pesquisado 14 delas abordavam o tema gênero em materiais didáticos. A complexidade de se analisar as questões que permeiam os estudos de gênero nos materiais didáticos, presentes na maioria das vezes de forma subjetiva nos textos e imagens, pode ser um ponto importante para pensarmos na baixa produção de artigos e na variedade de abordagens. Nos trabalhos pesquisados foi possível identificar diversificadas análises, entre elas: o papel de gênero em livros didáticos de ciências (MARTINS; HHOFFMAN, 2017), questões de gênero nas atividades de livros didáticos de matemática (SOUZA; SILVA, 2017), análise da cultura corporal em imagens do livro didático de Educação Física (GONZÁLEZ-PALOMARES; REY-CAO, 2017). Tal diversidade pode ser compreendida pela

impossibilidade de abarcar todas as questões sobre gênero que permeiam os materiais didáticos.

Por sua vez, foram utilizadas 14 etiquetas para categorizar os artigos que tratam de gênero em uma área do conhecimento específica (Gráfico 4). Como já apontado nos estudos de Vianna et al. (2011), as discussões sobre gênero, principalmente associadas à sexualidade, perpassam diferentes áreas da educação. A proposição em questão é considerada um tema transversal de acordo com os PCNs (BRASIL, 1997), ou seja, trata-se de um tema que deve atravessar todas as disciplinas que compõem o currículo nacional. As relações de gênero e seus desdobramentos estão presentes em todos os campos e áreas do conhecimento no âmbito da educação e da escolarização.

GRÁFICO 4: áreas do conhecimento de origem dos estudos sobre gênero e educação



Fonte: dados da pesquisa (2020), derivado das análises no aplicativo Rayyan.

Conforme apresentado no gráfico 4, dos 547 artigos analisados, em 176 deles foi possível identificar a área de origem, sendo que a maioria dos artigos são da área de Educação Física, 46 deles. Por envolver concepções sobre corpo e corporeidade, o conceito de gênero tem forte ligação com aspectos físicos, talvez por isso a Educação Física se ocupe dessa temática. E ainda se encarregue de tentar desconstruir as ideias, tão presentes nessa área, a respeito do corpo e da divisão de gênero que é feita no esporte, dança, brincadeiras etc. De forma geral esses aspectos citados anteriormente são percebidos na maioria dos artigos da área de Educação Física. Em deles, por exemplo, em que foi feita uma análise sobre as relações entre indivíduo e prática corporal a partir da do discurso sobre gênero presentes na disciplina de Educação Física por meio das propostas curriculares da Educação Básica (SILVESTREIN; SARAIVA, 2013).

A saúde também é o foco de grande parte dos artigos, na área de medicina foi possível verificar artigos que discutem questões como gravidez, ISTs, aborto, estética corporal etc. Temas esses fortemente ligados a gênero e problematizados pelos estudos feministas. Outra questão que aparece na área da saúde é a ligação da enfermagem com o trabalho feminino, em que é discutido, tanto de uma perspectiva histórica quanto social, a divisão de gênero na área da saúde e a ligação do cuidado com o trabalho feminino (SANTOS; FARIA, 2008).

Na área de artes as discussões são diversificadas e trazem diferentes aspectos sobre a representação feminina nessa área, enquanto na CTEM as discussões têm forte laço com a desigualdade de gênero no acesso a essas áreas, questiona-se as representações de gênero e como elas interferem no aprendizado, buscando a promoção de práticas mais igualitárias e que incentivem meninas e mulheres a se aproximarem desse campo, predominantemente ocupado pelo masculino (CASAGRANDE; SOUZA, 2017).

Outra categorização foi feita considerando se o artigo trata de minorias sociais correlacionadas a gênero e educação. O quadro 3 apresenta o resultado da busca dos artigos em que foram identificadas as minorias sociais.

QUADRO 3: Artigos específicos sobre minorias sociais na correlação Educação e Gênero (busca nas plataformas SciELO, PePSIC e Plataforma Capes) - entre 2000 e 2018. (n = 547)

Minoria	Quantidade de Artigos (absoluto)	% (quantidade relativa)
Negros(as)	10	1,83
Indígenas	5	0,91
Pessoas com Deficiência	2	0,37
Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (Travestis e transexuais)	23	4,20
Camponeses(as)/trabalhadores (as) rurais	4	0,73
Mulheres	34	6,22
TOTAIS	74 artigos	13,53% da amostra

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Essa etapa buscou identificar se o artigo discutia algum tema acerca de minoria de forma mais focada, ou seja, se o texto envolveu uma determinada população minoritária no centro da discussão sobre gênero e educação. Dessa forma, os artigos que mencionavam minorias de forma indireta não foram enquadrados nessa categoria.

A população Negra, indígena, as mulheres, LGBTIA+⁶, pessoas com deficiência, camponeses, camponesas, trabalhadores e trabalhadoras rurais são considerados minorias no Brasil dentro de uma perspectiva social, pois possuem desvantagens políticas, culturais, étnicas, econômicas etc. Não necessariamente abarcam um número quantitativo menor de pessoas, são chamadas minorias por não serem representadas na sociedade de maneira democrática. Para Moscovici (2011) as minorias são grupos de pessoas que diferem da regra hegemônica social, vistos como desviantes esses indivíduos ou grupos são colocados à margem da sociedade.

A maior quantidade de artigos, 43,59%, dessa categoria tem foco nas mulheres, podemos dizer que esse resultado era esperado, já que o que torna as mulheres uma minoria é a própria questão do gênero. Além disso o crescimento dos estudos feministas e a busca por igualdade entre os gêneros, apontam explicações para o maior número de artigos que envolvam essa minoria, cabe também dizer que a Educação tem forte relação com as mulheres (ZIBETTI; PEREIRA, 2010), segundo o Ministério da Educação (MEC) as mulheres compõem 81,5% de professores e professoras da Educação Básica. O que possibilita produção científica sobre a divisão sexual do trabalho e a Imersão de Mulheres no mercado do trabalho, e sobre a participação de mulheres no campo científico (SANTOS, 2014).

Dentro dessa mesma lógica as minorias sexuais e de gênero (LGBTIA+) correspondem a 29,49% dos artigos selecionados sobre gênero e educação que tratam de minorias. A busca pelo reconhecimento das identidades de gênero dissidentes, e a ligação do conceito de gênero com a sexualidade são pontos importantes a serem considerados para análise. O combate a LGBTfobia dentro dos espaços educacionais, por meio da discussão do conceito de identidade gênero e da diversidade sexual são questões que têm ganhado força nos últimos anos, temos como exemplo o Programa Brasil sem Homofobia criado em 2004, que propunha à Educação a disponibilização de materiais educativos específicos. Ao sair do papel em 2011 o programa sofreu forte embargo por parte dos parlamentares conservadores, fato que reforçou e ainda reforça a necessidade de se produzir mais sobre assunto. O crescimento dos movimentos sociais nos últimos anos podem ser relacionados aos dados produzidos.

Muitos dos artigos abordam a questão do gênero e da sexualidade da população LGBTIA+ por meio da discriminação e o preconceito presentes na educação e na

⁶ Aqui há a escolha de utilizar a sigla LGBTIA+ ao invés da LGBTQI+, pois a letra “Q” de *Queer*, não representa uma identidade, e sim uma teoria.

escola. Pudemos verificar projetos de promoção da igualdade de direitos para estudantes LGBT, tendo o professor ou professora como protagonista (NEVES; SILVA, 2018) e também com foco nas estratégias de alunos e alunas LGBTs para o enfrentamento ao preconceito na educação superior (OLIVEIRA; SILVA, 2017).

As questões raciais, estão no centro de 10% dos artigos dessa categoria nesse recorte foi possível verificar mais uma vez que os estudos que envolvem correlacionam gênero e raça representam uma quantidade considerável dos artigos que envolvem minorias. Conforme dito anteriormente, a interseccionalidade, como metodologia, têm ganhado espaço, já que enfatizam a importância de pensar as diferentes questões sociais que perpassam as minorias, com artigo que discutem a questão das cotas raciais e as ações afirmativas de mulheres negras. As produções tratam a questão do gênero atrelado a raça, apontando ações necessárias a uma categoria que perpassa minorias sociais no Brasil (mulher e negra) (ROSEMBERG; ANDRADE, 2008; CORDEIRO, 2013).

As demais categorias (pessoas com deficiência, indígenas e camponeses e camponesas) as discussões acerca do tema gênero ainda não se mostram tão fortes quanto os anteriormente citados, apresentam 2,56%, 6,41% e 5,13% respectivamente do total de artigos. Podemos dizer que para essas minorias a relação com gênero ainda não se mostra tão presente nas publicações de artigos analisados dentro temática de gênero. Esses dados podem apontar brechas importantes como a necessidade de novas pesquisas e produções científicas sobre gênero e educação que contemplem estas populações.

Em relação às temáticas trabalhadas nas publicações em suas possíveis correlações com as discussões sobre gênero, é possível fazer alguns apontamentos a partir da figura 2 que apresenta os achados mais significativos.

humanos sejam respeitados dentro dos processos formativos (LIMA; SIQUEIRA, 2013; NUNES, 2013).

A quantidade de artigos que abordam a formação de professores no ensino superior e a continuada, quando já exercem a docência, por sua vez, demonstram as novas demandas sociais sobre diversidade e reconhecimento das diferenças, com ênfase nas pautas sobre corpo, gênero e sexualidade (DINIS; ASINELLI-LUZ, 2007; REIS; PARAISO, 2014). Cursos que visam superar preconceitos e discriminações por parte dos docentes sobre determinados grupos minoritários também aparecem, e sob uma perspectiva inclusiva, relacionam a diminuição das desigualdades sociais e a promoção das diferenças, buscando incentivar a permanência dos alunos na escola e nos cursos de graduação (ROHDEN, 2009; MARCHÃO; HENRIQUES, 2017).

De forma mais sutil, mas não menos importante, são discutidas as masculinidades, a partir da construção do papel do homem forte e viril, e os efeitos negativos que isso têm sobre os meninos e quais as contribuições dos educadores nesse processo (FERNÁNDEZ, 2012; DÍEZ-GUTIÉRREZ, 2015). No mesmo sentido, aparece a preocupação com o homem na docência, por vezes entendida como presença estranha na escola, principalmente na educação infantil como um espaço feminizado, e as dificuldades dos professores em atuar nessa área (RABELO, 2010; JAEGER; JACQUES, 2017).

A família, em contrapartida, aparece nas discussões de maneira escassa. Na maior parte dos artigos, discutindo diferentes sentidos que ela pode ter sobre a educação de crianças e jovens, como a socialização de gênero, questões financeiras ou mesmo a dependência que pais e mães têm em relação a escola para poderem acessar o mercado de trabalho (CARVALHO; SENKEVICS; LOGES, 2014).

Os movimentos conservadores e a influência das instituições religiosas nos debates das políticas públicas sobre educação e gênero surgem no mesmo sentido. Como um horizonte pequeno a ser explorado, mas que se delineia em apenas uma direção: a nomeada ideologia de gênero. Tal temática, apesar de explorada a partir da ótica de outros agentes, é discutida nesses artigos, em especial, sob uma perspectiva baseada no caráter da religião cristã e seus defensores (BORGES; BORGES, 2018; VENCATO; SILVA; ALVARENGA, 2018). Por estes há uma consideração de que a discussão sobre gênero e sexualidade é transgressora por tentar incorporar nos planos de educação tais questões.

Considerações Finais

Iniciamos as considerações finais deste estudo reafirmando o aumento progressivo dos artigos na correlação entre gênero e educação no período analisado. De forma mais expressiva a partir de 2011 é possível notar uma curva ascendente. Isso responde à pergunta principal que este artigo se pôs a analisar e que pode indicar não somente uma perspectiva de mais estudos sobre, mas, do ganho de espaço sobre essas discussões em revistas acadêmicas de relevância para o público brasileiro.

No percurso de análise do corpus analítico fica evidente uma supremacia de temas abordados: Gênero e Sexualidade, Relações de Gênero, Igualdade/Desigualdade de Gênero. Nestes, a figura das mulheres, as discussões sobre identidade de gênero e orientação sexual dentro das escolas e o papel dos professores na construção de identidades chamam a atenção. Isso demonstra algumas possibilidades de interpretação do fenômeno: a) a persistência da feminilização da profissão docente, principalmente na educação básica brasileira; b) a necessidade imperiosa de discutir cotidianamente a participação das mulheres (como entidade de gênero) nas ações educativas; c) a escola como lugar de expressão das sexualidades, orientações sexuais e identidade de gênero. Essas interpretações incidem no papel central do/da/de profissional docente em uma cultura social na escola de amparo da diversidade e de direitos humanos e reprodutivos.

Por outro lado, pensando quantitativamente, há uma preocupante concentração de produções em determinados periódicos. De todo material analisado, 19 revistas concentram cerca de 40% do número de publicações incluídas na amostra, no entanto, os demais artigos se encontram espalhados em 60 periódicos diferentes, o que pode indicar de forma contraditória uma dificuldade de dispersão dos artigos com essa temática: há aumento da produção (que indica facilidade de produção), entretanto há concentração da produção (que indica dificuldade de dispersão com mesma intensidade em todos os periódicos). Nos perguntamos que, diante do cenário político e social a qual a temática de gênero está submetida no Brasil, se essa questão não pode ser fruto de idiosincrasias.

Ainda no âmbito dos periódicos, ressaltamos que mesmo que as bases de dados escolhidas sejam reconhecidas e de grande impacto para a produção nacional e internacional elas não representam a totalidade de produções brasileiras tanto na área da educação, quanto na área dos estudos de gênero. Estes periódicos, mesmo que tenham estratificação reconhecida pela CAPES não estão indexados nas plataformas

pesquisadas, o que não as invalida, mas que revelam que podem ter dificuldades para participação nestas plataformas e que, de certa forma, as plataformas hegemônicas de partilhamento de artigos não são inclusivas. Para uma pesquisa futura, então, seria necessário identificar os periódicos que possuem impacto para as áreas de Educação e estudos de Gênero e, a partir de estratégia de pesquisa inclusiva, se tenha um levantamento que leve em consideração tais revistas.

Com relação às limitações deste estudo, ressaltamos que a busca nas bases de dados SciELO, PePSIC e plataforma Capes foram realizadas no início de maio de 2020, sendo que ao todo localizaram-se um total de 1987 artigos, no entanto, após replicar a busca em agosto a equipe deparou-se com 2158, um aumento de 171 artigos em cerca de três meses. Optou-se por incluí-los na amostra inicial, de maneira que os resultados estivessem atualizados e mais abrangentes. Entretanto, indicamos tal aumento como uma limitação na condução de revisões sistemáticas. Uma vez que as bases de dados são constantemente alimentadas, mesmo que exista um intervalo de mais de um ano entre o período em que a pesquisa é feita e o raio de tempo pesquisado, é possível deparar-se com alterações como essa.

Outra das limitações deste estudo está na leitura dos resumos como única estratégia de análise, mesmo que nos entremos da pesquisa os artigos aqui citados tenham sido lidos. Essa limitação, mesmo que consideremos o resumo de um artigo como um gênero textual que segue uma norma acadêmica e que possua elementos estruturais comuns em quase todos os meios de divulgação científica, há a possibilidade que as informações contidas nele não coincidam completamente com a obra num todo. Além de que é possível encontrar resumos diferentes para obras iguais. Assim, propomos que em revisões sistemáticas com menor número de artigos uma leitura profunda dos materiais seja feita para garantir e validar os demais estudos.

Indicamos, ao final dessa revisão, que embora aqui tenhamos um estudo que dê ênfase à dispersão de artigos sobre uma temática, que é a partir de estudos como esse que é possível conhecer um quadro geral das publicações, guiar novas pesquisas, principalmente, quando temos temas sensíveis e necessários de discussão como é o caso dos estudos de gênero. Há que se ter em mente que, por fim, estudos que se propõe a fazer revisões sistemáticas de literatura desvelam temas que precisam de atenção, sujeitos subalternizados e indicam que a luta pela visibilidade de sujeitos e iniquidades é contínua, inclusive na área acadêmica.

Referências

- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Rio de Janeiro: Editora Letramento, 2018.
- ANDRADE, Luís Fernando Silva; MACEDO, Alex Dos Santos; OLIVEIRA, Maria De Lourdes Souza. A produção científica em gênero no Brasil: um panorama dos grupos de pesquisa de administração. **Rev. Adm. Mackenzie**, São Paulo, v. 15, n. 6, p. 48-75. DOI: 10.1590/1678-69712014/administracao.v15n6p48-75
- BARROS, Suzane Carvalho da Vitória; MOURAO, Luciana. Panorama da participação feminina na educação superior, no mercado de trabalho e na sociedade. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 30, e174090, 2018. DOI: 10.1590/1807-0310/2018v30174090.
- BARROSO, Carmen. Metas de desenvolvimento do milênio, educação e igualdade de gênero. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 34, n. 123, p. 573-582, 2004. DOI: 10.1590/S0100-15742004000300004.
- BASTOS, L.; EITERER, C. L. Reconfiguração das relações de gênero e cotidiano das mulheres educandas da EJA. **Educação & Formação**, v. 2, n. 3, p. 42-53, 2017. DOI: 10.25053/edufor.v2i6.2138.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BELTRAN, Claudia Ximena Herrera. Prácticas amorosas en la escuela colombiana en la primera mitad del siglo XX: Apuntes para una historia del amor femenino. **Pedagogía y Saberes**, Bogotá, n. 44, p. 47-62, 2016. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-24942016000100005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 9 set. 2020.
- BELTRAO, KaizôIwakami; ALVES, José Eustáquio Diniz. A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 136, p. 125-156, 2009. DOI: 10.1590/S0100-15742009000100007.
- BENTO, Berenice; PELUCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 559-568, 2012. DOI: 10.1590/S0104-026X2012000200017.
- BORGES, Rafaela Oliveira; BORGES, Zulmira Newlands. Pânico moral e ideologia de gênero articulados na supressão de diretrizes sobre questões de gênero e sexualidade nas escolas. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 23, e230039, 2018. DOI: 10.1590/s1413-24782018230039.
- BUENO, C. M. L. B. O papel das representações sociais e da educação para o desenvolvimento da identidade de gênero. **Rev. Bras. Crescimento Desenvolv. Hum.**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 92-103, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822006000300011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 09 set. 2020.

CARVALHO, Marília Pinto de. Mau aluno, boa aluna?: como as professoras avaliam meninos e meninas. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 554-574, 2001. DOI: 10.1590/S0104-026X2001000200013.

CARVALHO, Marília Pinto de; SENKEVICS, Adriano Souza; LOGES, Tatiana Avila. O sucesso escolar de meninas de camadas populares: qual o papel da socialização familiar?. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 717-734, 2014. DOI: 10.1590/s1517-97022014091637.

CASAGRANDE, Lindamir Salete; SOUZA, Angela Maria Freire de Lima. Percorrendo labirintos: trajetórias e desafios de estudantes de engenharias e licenciaturas. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 47, n. 163, p. 168-200, 2017. DOI: 10.1590/198053143658.

COCHRANE COLLABORATION. **Glossary**. London: Cochrane Collab, 2003. Disponível em: <http://community.cochrane.org/glossary>. Acesso em: 23 ago 2020.

CORDEIRO, Ana Luisa Alves. Ações afirmativas na educação superior: mulheres negras cotistas e mobilidade social. **Revista Pedagógica Unochapecó**, v. 1, n. 30, p. 1-18, 2013. DOI: 10.22196/rp.v15i30.1572.

DECLARAÇÃO DE DAKAR. **O marco de ação de dakar: Educação para todos**. Texto adotado pela Cúpula Mundial de Educação em Dakar. 2000. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Direito-a-Educa%C3%A7%C3%A3o/declaracao-de-dakar.html>. Acesso em: 20 ago. 2020.

DECLARAÇÃO DE JONTIEM. **Declaração mundial sobre educação para todos: plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem**. 1990. Disponível em: <http://forumeja.org.br/pi/sites/forumeja.org.br.pi/files/Declaracao%20-%20jontien%20-%20tailandia.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2020.

DÍEZ-GUTIÉRREZ, E.-J. Códigos de masculinidade hegemônica em educação. **Revista Ibero-americana de Educação**, v. 68, p. 79-98, 2015. DOI: 10.35362/rie680201.

DINIS, Nilson; ASINELLI-LUZ, Araci. Educação sexual na perspectiva histórico-cultural. **Educ. Rev.**, Curitiba, n. 30, p. 77-87, 2007. DOI: 10.1590/S0104-40602007000200006.

DURAES, Sarah Jane Alves. Sobre algumas relações entre qualificação, trabalho docente e gênero. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 33, n. 118, p. 271-288, 2012. DOI: 10.1590/S0101-73302012000100017.

FERNANDEZ, Marta Ceballos. Indicadores aplicados a la visión dominante de la masculinidad por adolescentes de educación secundaria: La importancia del deber ser hombre. **Ultimadécad.**, Santiago, v. 20, n. 36, p. 141-162, 2012. DOI: 10.4067/S0718-22362012000100007.

FERREIRA, Márcia Ondina Vieira; CORONEL, Márcia Cristiane Völz Klumb. Sobre a legitimação do campo do gênero na ANPED. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 815-831, 2017. DOI: 10.1590/s1517-9702201707159961.

FINCO, Daniela. Igualdad de género en las instituciones educativas de la primera infancia brasileña. **Rev. Latinoam. Cienc. Soc. Niñez Juv.**, Manizales, v. 13, n. 1, p. 85-96, 2015. DOI: 10.11600/1692715x.1313250214.

FREITAS, M. E.; DANTAS, M. Apresentação. In.: FREITAS, M. E.; DANTAS, M. (Orgs.). **Diversidade sexual e trabalho**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

GONZALEZ-PALOMARES, Alba; REY-CAO, Ana Isabel. Las edades en la cultura corporal: representaciones en los libros de texto de educación física de Brasil. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 71, e227163, 2017. DOI: 10.1590/s1413-24782017227163.

GUEDES, Moema de Castro. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a idéia da universidade como espaço masculino. **Hist. Cienc. Saúde**, Manguinhos, v. 15, supl. 1, p. 117-132, 2008. DOI: 10.1590/S0104-59702008000500006.

GUIZZO, Bianca Salazar; RIPOLL, Daniela. Gênero e sexualidade na educação básica e na formação de professores: limites e possibilidades. **Holos**, v. 6, p. 472-483, 2015. DOI: 10.15628/holos.2015.2945.

JAEGER, Angelita Alice; JACQUES, Karine. Masculinidades e docência na educação infantil. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 545-570, 2017. DOI: 10.1590/1806-9584.2017v25n2p545.

LEITE, André Filipe dos Santos; OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de. Quando a mudança reitera a norma: reestruturação curricular da medicina em possíveis articulações com sexualidade e gênero. **Educação: teoria e prática**, Rio Claro, v. 24, n. 45, p. 144-161, 2014. DOI: 10.18675/1981-8106.vol24.n45.p144-161.

LIMA, Ana Cristina; SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz. Ensino de Gênero e Sexualidade: diálogo com a perspectiva de currículo CTS. **Rev. Educ. Ci. Tec.**, Florianópolis, v. 6, n. 3, p. 151-172, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/view/38022>. Acesso em: 9 set. 2020.

LOPES, Saskya Miranda. Interseccionalidade de raça e gênero nas escolas brasileiras e os projetos de lei silenciadores. **Motricidades: Rev. SPQMH**, v. 2, n. 2, p. 149-162, 2018. DOI: 10.29181/2594-6463.2018.v2.n2.p149-162.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

MARCHÃO, Amélia de Jesus; HENRIQUES, Hélder. Formação e educação na e para a inclusão: igualdade de gênero. **EDUCA - Revista Multidisciplinar em Educação**, v. 4, n. 8, p. 145-159, 2017. DOI: 10.26568/2359-2087.2017.2665.

MARTINS, Elieciília de Fátima; HOFFMANN, Zara. Os papéis de gênero nos livros didáticos de ciências. **Rev. Ens. Pesqui. Educ. Ciênc.**, Belo Horizonte, v. 9, n.1, 2007. DOI: 10.1590/1983-21172007090109.

MORAES, Adriana Zomer de; CRUZ, Tânia Mara. Estudantes de engenharia: entre o empoderamento e o binarismo de gênero. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 48, n. 168, p. 572-598, 2018. DOI: 10.1590/198053145159.

MOSCOVICI, Serge. **Psicologia das minorias ativas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

NARVAZ, Martha Giudice; SANT' ANNA, Sita Mara Lopes; TESSELER, Fani Averbugh. Gênero e Educação de jovens e adultos: a histórica exclusão das mulheres dos espaços de saber-poder. **Revista Diálogo**, Canoas, n. 23, p. 93-104, 2013. DOI: 10.18316/917.

NEVES, André Luiz Machado das; SILVA, Iolete Ribeiro da. Projetos de igualdade de direitos às pessoas LGBT: significados das/os professoras/es sobre o seu protagonismo. **Estud. Pesqui. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/38808/27155>. Acesso em: 10 out. 2020.

NUNES, Joice Oliveira. Feminino, masculino: significações que disputam hegemonia. **Revista Periferia**, v. 5, n. 2, p. 76-94, 2013. DOI: 10.12957/periferia.2013.15339.

OLIVEIRA, Amurabi; SILVA, Keo. Entre as políticas de inclusão e as estratégias: as experiências de pessoas trans* no ensino superior. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 10, n. 4, p.11–31, 2017. DOI: 10.18764/2358-4319.v10n4especialp11-31.

SILVESTRIN, Julia Mara Pegoraro; SARAIVA, Maria do Carmo Oliveira. O debate de gênero nas propostas curriculares da Educação Física na Educação básica dos estados do Paraná e do Rio Grande do Sul. **Revista Pedagógica**, Santa Catarina, v. 15, Issue 31, p. 389-416, 2013. DOI: 10.22196/rp.v15i31.2341.

RABELO, Amanda Oliveira. "Eu gosto de ser professor e gosto de crianças" - A escolha profissional dos homens pela docência na escola primária. **Rev. Lusófona de Educação**, Lisboa, n. 15, p. 163-173, 2010. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-72502010000100012&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 30 out. 2020.

RANNIERY, Thiago. No balanço da “teoria queer” em educação: silêncios, tensões e desafios. **Sex. Salud Soc.**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 19-48, 2017. DOI: 10.1590/1984-6487.sess.2017.25.02.a.

REIS, Cristina d'Ávila; PARAISO, Marlucy Alves. Normas de gênero em um currículo escolar: a produção dicotômica de corpos e posições de sujeito meninos-alunos. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 237-256, 2014. DOI: 10.1590/S0104-026X2014000100013.

RESENDE, C. C.; RIBEIRO, L. P.; SILVA, R. M. A mulher sob o pó de giz: contribuições do estudo das relações de gênero para a análise das professoras do Ensino Fundamental. **Extra Classe: Revista de Trabalho e Educação**, v. 2, p. 112-131, 2010.

ROHDEN, Fabíola. Gênero, sexualidade e raça/etnia: desafios transversais na formação do professor. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 39, n. 136, p. 157-174, 2009. DOI: 10.1590/S0100-15742009000100008.

ROSEMBERG, Fúlvia. Caminhos cruzados: educação e gênero na produção acadêmica. **Educ. Pesq.**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 47-68, 2001. DOI: 10.1590/S1517-97022001000100004.

ROSEMBERG, Fúlvia; ANDRADE, Leandro Feitosa. Ação afirmativa no ensino superior brasileiro: a tensão entre raça/etnia e gênero. **Cad. Pagu**, n. 31, p. 419-437, 2008. DOI: 10.1590/S0104-83332008000200018.

SANTOS, Luiz Antonio de Castro; FARIA, Lina. As ocupações supostamente subalternas: o exemplo da enfermagem brasileira. **Saude Soc.**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 35-44, 2008. DOI: 10.1590/S0104-12902008000200005.

SANTOS, Vívian Matias dos. Para pensar o campo científico e educacional: mulheres, educação e letras no século XIX. **Rev. Bras. Educ.**, v. 19, n. 58, p. 585-610, 2014. DOI: 10.1590/S1413-24782014000800004.

SEFFNER, Fernando. Um bocado de sexo, pouco giz, quase nada de apagador e muitas provas: cenas escolares envolvendo questões de gênero e sexualidade. **Rev. Estud. Fem.**, v. 19, n. 2, p. 561-572, 2011. DOI: 10.1590/S0104-026X2011000200017.

SIDDAWAY, Andy P.; WOOD, Alex M.; HEDGES, Larry V. How to do a systematic review: a best practice guide for conducting and reporting narrative reviews, meta-analyses, and meta-syntheses. **Annual Review of Psychology**, v. 70, p. 747-770, 2019. DOI: 10.1146/annurev-psych-010418-102803

SILVA, D. R. Q.; BERTUOL, B. Estás sempre chorando, tu é de açúcar? Pedagogias de gênero na educação infantil. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 68, p. 137-150, 2015. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/208>. Acesso em: 9 set 2020.

SILVA, Fabiane Ferreira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Trajetórias de mulheres na ciência: "ser cientista" e "ser mulher". **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 20, n. 2, p. 449-466, 2014. DOI: 10.1590/1516-73132014000200012.

SOUZA, Deise Maria Xavier de Barros; SILVA, Marcio Antonio da. Questões de gênero no currículo de matemática: atividades do livro didático. **Educação Matemática Pesquisa: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática**, v. 19., n. 3, p. 374-392, 2017. DOI: 10.23925/1983-3156.2017v19i3p374-392.

STROMQUIST, Nelly P. Qualidade de ensino e gênero nas políticas educacionais contemporâneas na América Latina. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 13-25, 2007. DOI: 10.1590/S1517-97022007000100002.

UCHOGA, Liane Aparecida Roveran; ALTMANN, Helena. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 163-170, 2016. DOI: 10.1016/j.rbce.2015.11.006.

VASQUEZ, Lya Yaneth Fuentes. ¿Por qué se requieren políticas de equidad de género en la educación superior?. **Rev. Nómadas**, Bogotá, n. 44, p. 65-83, 2016. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-75502016000100005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 9 set. 2020.

VENCATO, Anna Paula; SILVA, Rafaela Lacerda da; ALVARENGA, Rodrigo Lessa. A educação e o presente instável: repercussões da categoria "ideologia de gênero" na construção do respeito às diferenças. **Rev. Psicol. Polít.**, São Paulo, v. 18, n. 43, p. 587-598, 2018. Dis [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2018000300010&lng=pt&nrm=iso-acesso em 26 out 2020].

VIANNA, Cláudia. Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação: um diálogo com a produção acadêmica. **Rev. Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 127-143, 2012. DOI: 10.1590/S0103-73072012000200009.

VIANNA, Claudia Pereira et al. Gênero, sexualidade e educação formal no Brasil: uma análise preliminar da produção acadêmica entre 1990 e 2006. **Rev. Educ. Soc.**, Campinas, v. 32, n. 115, p. 525-545, 2011. DOI: 10.1590/S0101-73302011000200016.

ZANATTA, Luiz Fabiano et al. A educação em sexualidade na escola itinerante do MST: percepções dos(as) educandos(as). **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 443-458, 2016. DOI: 10.1590/S1517-9702201606144556.

ZIBETTI, Marli Lúcia Tonatto; PEREIRA, Sidnéia Ribeiro. Mulheres e professoras: repercussões da dupla jornada nas condições de vida e no trabalho docente. **Educ. Rev.**, Curitiba, n. spe2, p. 259-276, 2010. DOI: 10.1590/S0104-40602010000500016.

Revista
Diversidade
e Educação

Recebido em maio de 2022.
Aprovado em outubro 2022.